

# O processo de desconstrução e reconstrução do fazer musical de alunos da EJA de uma Escola Estadual da cidade de Rio Branco – AC: Relato de Experiência

*Silvia Rejane Teixeira de Abreu*  
Universidade de Brasília UnB  
[srejaneunb@gmail.com](mailto:srejaneunb@gmail.com)

**Resumo:** Este artigo visa relatar as experiências vivenciadas junto aos alunos de uma Escola Estadual da cidade de Rio Branco, no Acre, na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA). Um projeto pedagógico em música, aplicado na Educação Adulta pode estimular a socialização, interação, a aprendizagem colaborativa, o gosto pela música, a autoestima e, dentre outras implicâncias, o desenvolvimento cognitivo desse adulto. O projeto desenvolvido teve por título: “Ouvir, criar e tocar: o processo de desconstrução e reconstrução do fazer musical”. Seu objetivo principal era ampliar as preferências musicais dos alunos, através da apreciação de músicas de suas vivências e outras músicas que não fazem parte de seu mundo musical. A escolha dessa faixa etária deu-se para obter novas experiências referentes à carga de estratégias pedagógicas e musicais que se almeja para uma profissão vindoura, após o curso de Licenciatura em Música. As aulas foram desenvolvidas durante o desenvolvimento da disciplina de Estágio Supervisionado em Música, do curso de Licenciatura em Música, no sistema de Ensino a Distância.

**Palavras chave:** Educação Musical. Apreciação. Composição.

## Introdução

Segundo Grossi (2000, p.8), “... a maioria das pessoas associa a música que ouve a algum sentimento ou estados emotivos de caráter pessoal”. Portanto, a música que nossos alunos ouvem, está ligada às suas experiências no meio sociocultural com o qual está

relacionado. Dessa forma, neste projeto que teve como tema: “**Ouvir, criar e tocar: o processo de desconstrução e reconstrução do fazer musical**”, o objetivo principal era ampliar as preferências musicais dos alunos, através da apreciação de músicas de suas vivências e outras músicas que não fazem parte de seu mundo musical.

Os alunos trabalharam e transformaram as músicas que gostam de ouvir e, de forma criativa, tiveram acesso a outros gêneros musicais, estimulando a escuta ativa, o desenvolvimento do senso crítico musical e a ampliação de repertório. Ademais, através da manipulação das dimensões que a música evoca no ouvinte (materiais sonoros, caráter expressivo e outros), os alunos ouviram, tocaram e criaram composições (GREEN, 2006 apud GROSSI, 2000, p. 37-64).

O fato de se trabalhar com vários ritmos e estilos musicais brasileiros fornece ao aluno uma visão panorâmica da riqueza da nossa música nacional. Assim, o aluno constrói uma opinião própria acerca da música brasileira. A identificação e valorização da música do aluno, o respeito a seus gostos musicais, a consideração da música do seu cotidiano, sua realidade cultural e o meio em que o aluno está inserido são ideias de Swanwick (1988). Estas ideias, quando associadas à relevância dos quesitos composição, literatura, apreciação e performance (CLASP), permitem ao aluno um contato direto com os materiais sonoros da música, além do desenvolvimento da capacidade criadora. Trabalhar a diversidade musical brasileira através de oficinas, de arranjos, imitações, improvisações e outros, proporciona aos alunos a oportunidade de uma reapropriação significativa da sua vivência musical (PENNA; MARINHO, 1997).

## **1 O Contexto Escolar**

O Estágio Supervisionado em Música 4, no segundo semestre de 2012, foi realizado em uma Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio da cidade de Rio Branco, nas Turmas da EJA 1 – Módulos I e III – Educação de Jovens e Adultos, do turno da noite, com faixa etária entre 15 e 65 anos. Nesta Escola, estudavam 1.250 alunos, com um quadro docente de 35 professores e um quadro de 70 funcionários. O quadro diretivo era formado por 01 Diretor Geral, 01 Coordenadora pedagógica e 01 Coordenadora de Ensino. As informações sobre a escola, quadro diretivo e quadro de funcionários, foram cedidas pela Coordenadora de Ensino. Os horários das aulas foram estipulados junto ao Diretor e à Coordenadora de Ensino.

Os alunos eram de classe média baixa, trabalhavam durante o dia e estudavam no turno da noite. Nas pesquisas pode-se perceber que eles apreciavam a música popular, como: funk, sertanejo universitário, forró, pagode, hip hop, pop rock e gospel. Alguns deles ainda tiravam tempo para estudar violão ou outros instrumentos para tocar nas igrejas ou em casa, junto às famílias e nas rodas de amigos.

Este projeto foi desenvolvido nas turmas de EJA 1 – Módulos I e III. A turma de EJA 1 – Módulo I, possuía 16 alunos, sendo 09 homens e 07 mulheres, na faixa etária entre 17 a 34 anos. A turma de EJA 1 – Módulo III possuía 17 alunos, sendo 10 mulheres e 07 homens na faixa etária entre 19 a 49 anos. Não havia nenhum trabalho direcionado especificamente à música. As turmas possuíam uma professora polivalente, que reservava em um dia da semana, um horário para ministrar aula de Artes, abrangendo música, teatro, história da arte, artes plásticas e outros.

A Coordenadora de Ensino da Escola elogiou a essência do projeto acerca da obrigatoriedade do ensino de música nas escolas públicas, ressaltando os aspectos de uma nova forma de ensino através da ludicidade e da prática educacional diferenciada. Vê-se aqui, que o educador, de maneira geral, começa a visualizar a necessidade urgente de criar mecanismos que permitam ao aluno ter uma visão mais ampla do ensino, não apenas do ensino de música, de língua portuguesa, matemática, dentre outros, mas a carência que temos da percepção das interrelações que estabelecem entre si as diversas ciências e as artes em geral, por exemplo.

A professora relembrou o fato de que as músicas nos ajudam a alimentar boas perspectivas de vida ao lembrar acontecimentos positivos de nossas vidas. Em geral, são lembranças rejuvenescedoras de uma época boa e que, ao relembrarmos, depositam em nós esperanças em dias melhores. Em uma vida moderna, atribulada dos dias atuais, precisamos muito dessa energia renovadora, que nos motiva a viver com mais alegria, esquecendo as tristezas e dificuldades da modernidade.

## **2 As Relações entre Teoria e Prática**

Segundo Queiroz e Marinho (2009): “Criar, vivenciar, apreciar e interpretar músicas são práticas que devem constituir a base das aulas de música”. Estes autores citam ainda, que a brincadeira e o prazer em atividades musicais são requisitos fundamentais para que o

professor obtenha sucesso na sua proposta educativa. Pensando nisto, foi proposto aos alunos o contato com jogos musicais e músicas de domínio público que trabalham percussão com instrumentos alternativos e percussão corporal. Assim, os discentes puderam trabalhar as músicas que mais apreciam, reconstruindo-as inserindo elementos musicais que desejaram.

Foram criados com os alunos, rearranjos para as músicas escolhidas, nas duas turmas, inserindo o ritmo ou ritmos escolhidos por essas turmas, trabalhando percussão corporal e outros instrumentos percussivos alternativos para que, descobrindo os sons que podem extrair dos instrumentos e do próprio corpo, esses alunos manipulassem os materiais da música, desenvolvendo suas possibilidades criadoras, cantando, tocando, se identificando ativamente com a música de seu cotidiano, transformando com significação, este fazer musical prazeroso em uma prática celebrada (GREEN, 1988, p.29).

No texto/artigo: “Composição, apreciação e performance na educação musical: teoria, pesquisa e prática”, de Cecília Cavaliere França e Keith Swanwick (2002, p.8), estes autores ressaltam que um dos fundamentos contemporâneos da educação musical é que apreciação, composição e performance são, de alguma forma, interativas, e devem ser integradas na educação musical. Através dessas três habilidades os alunos conseguem ter contato direto com a música, se envolvem e têm uma compreensão significativa do discurso musical.

O aprendizado musical torna-se mais abrangente quando o aluno compreende a música e participa ativamente da sua desconstrução e reconstrução. Para isso, faz-se necessário que o aluno conheça as funções da música: expressão de emoções, divertimento, prazer estético, comunicação, manutenção das características socioculturais, representação simbólica, reação física e outros (MERRIAM, 1964 apud HUMMES 2004, p. 18-19). A partir da aquisição desses conhecimentos, o aprendente optará pelo caráter que dará à letra das peças musicais a serem criadas e o ritmo que será inserido nos rearranjos e adaptações musicais feitas durante as atividades práticas das aulas do Módulo III.

Da mesma forma, no Módulo I, os alunos criaram, manipularam os materiais sonoros, formas, estruturas, valores musicais, instrumentos. Além de modificarem os ritmos também modificaram as letras de acordo com as mensagens que desejaram passar aos ouvintes. Interligando os dois Módulos do EJA, os alunos trabalharam músicas que escolheram na primeira aula – valorização da música do aluno (SWANWICK, 1988) e tiveram contato com

músicas que não faziam parte da sua realidade musical – ampliação do repertório do aluno (MARTIN, 2008, p. 334-335).

### **3 Analisando as aulas desenvolvidas**

Nas 06 primeiras aulas (Módulos I e III), foram trabalhadas com nossos aprendentes as atividades básicas sugeridas por Swanwick e França (2002, p.8): apreciação, composição e performance. Dentro dos subtemas desenvolvidos, os alunos tiveram noções de rearranjo, percussão corporal e paródia, além de manipularem instrumentos de percussão alternativos, no intuito de desconstruírem e reconstruírem sua vivência musical. Valorizou-se a música do aluno e no Módulo III, buscou-se ampliar seu repertório musical com músicas folclóricas e pequenas lendas. As histórias também são importantes para o desenvolvimento cultural e musical do ser humano. Por isto, no Módulo III, optou-se por trabalhar o canto coral de forma lúdica. Dessa forma, eles ouviram histórias e cantaram músicas folclóricas e, ainda, executaram cânones e músicas a duas vozes.

Aprendemos que uma aula de música deve ser musical e, de preferência, contemplar a realidade sociocultural do aluno, valorizando seus costumes e cotidiano. Partindo do modelo TECLA (adaptação do modelo CLASP de Keith Swanwick por Alda Oliveira e Liane Hentsche), os alunos trabalharam literatura, apreciação musical, técnica, composição e execução. Green (1997, p.34) afirma que os estudos musicais com jovens devem envolver tanto a música clássica como a popular. Reforçando essa máxima, Queiroz (2004, p.101-110) aponta a fundamental importância de oferecer ao aluno um contato direto com variados estilos musicais. Krüger (2003) ressalta a importância na apreciação ativa dos alunos. Segundo ela, esse ato envolve escolha, experiência e conhecimento. Importante salientar que moramos em região de fronteira com dois países latinos (Bolívia e Peru), que falam a língua espanhola. Considerando também o fato de termos alunos oriundos desses países, inserimos no repertório da turma do Módulo I, uma música cantada em espanhol – Arroz com Leche y Tengo una muñeca (a duas vozes).

### **4 Analisando as Experiências**

#### **4.1 Minha atuação no Estágio**

Acredito que atuei de forma perspicaz durante as aulas do ESM4, procurando concentrar-me nos objetivos almejados, observando o desempenho individual e coletivo dos alunos. Incentivei a participação, o desenvolvimento das habilidades musicais intrínsecas e extrínsecas, a criação e autonomia, mantendo a ordem sequencial das atividades definidas nos planejamentos. No entanto, ao sentir a necessidade de algumas adequações, foram realizadas as alterações necessárias, a fim de obterá um aprendizado mais significativo. Como professora e orientadora das atividades, interagi com os alunos sempre de forma dinâmica e respeitosa com muita simpatia e certa austeridade, quando necessário.

#### **4.2 Essa prática de ensino na minha formação como professora de música**

Vejo essa prática de ensino como algo bastante valioso na minha formação, como professora de música. Ao se auto afirmarem, como construtores de sons, os alunos evoluíram musicalmente, construíram e reconstruíram o fazer musical na sala de aula e em suas vidas. Não serão mais os mesmos a partir desse momento porque a música ganhou uma nova roupagem para eles, que envolve as interpelações entre os sons e ritmos, unindo-se em um todo coerente e significativo. O trabalho com a percussão corporal disse muito aos alunos e eles assimilaram o conteúdo do processo pedagógico.

As práticas musicais em sala sempre envolviam os contextos das realidades sociais dos meus aprendentes. Os alunos vivenciaram músicas do seu dia-a-dia e das mídias que ouvem e ouviram ao longo dos anos e entenderam as relações que os sons estabelecem entre si. Eles vivenciaram suas próprias criações e evoluíram com isso. Imitaram e criaram sons produzidos em grupo e desenvolveram as cadeias sonoras inerentes, obedecendo a ritmos e melodias. Desenvolveram a coordenação motora, juntamente com a coesão e coerência dos ritmos, sons e cadências das canções trabalhadas. Essa prática, a meu ver, está sempre atualizada, já que novos ritmos e melodias são acrescentados ao longo do tempo ao nosso contexto sociocultural através das mídias em geral.

#### **4.3 Essa prática de ensino com a faixa etária escolhida**

Trabalhar com a faixa etária que escolhi foi uma experiência ímpar. Essa prática pedagógica fez o aluno desenvolver o senso crítico, identificando os pontos comuns e recriando modelos musicais inovadores, numa perspectiva crescente de desenvolvimento

musical e social. Considero que aprender brincando é salutar em qualquer idade e, com as turmas do EJA não poderia ser diferente. Eles reagiram bem ao estímulo do método de produção musical em sala de aula, através da prática maciça, ordenada nos moldes da teoria de Swanwick e Green.

Em suma, esta prática de ensino na minha formação foi uma grande conquista enquanto metodologia adequada à realidade de alunos e professores. Ambos aprendem, praticando, os vieses ajustáveis da música, que se renova a cada exercício prático ordenado e vivenciado por estagiário/professor e alunos. A boa performance de ambos vem ao encontro da metodologia, que se afirma na alegria e desenvoltura com que os participantes a praticam. Senti que a música “Bate o monjolo”, de domínio público, foi bem aceita. Os alunos desenvolveram a coordenação motora e praticaram sons sequenciados utilizando copos, com muita alegria e descontração.

#### **4.4 Aspectos relacionados à aula de música**

Neste estágio, o que mais me chamou atenção foi o interesse de um aluno portador de necessidades especiais. Com suas limitações, problema de audição e fala, ele demonstrou satisfação em participar das atividades, vontade de aprender a cantar e tocar, e mais, provou para todos que não é incapaz, por conta da Síndrome de Down. Além disso, o aluno especial foi prova do quanto é importante valorizarmos a inclusão social. Dessa forma, o aluno aprende com os outros, conhece seus potenciais, socializa e os demais alunos aprendem a respeitar e conviver com os colegas portadores de necessidades especiais.

#### **4.5 O estagiário e a autonomia**

Na condução do estágio acho importante o dinamismo, a segurança, um bom planejamento que forneça ao estagiário um caminho por onde seguir, mas ao mesmo tempo, autonomia para mudar aquilo que se fizer necessário diante dos desafios e imprevistos que surgem, portanto, o planejamento dever ser, acima de tudo, flexível. Para a condução do estágio há que se ter, ainda, a humildade para ensinar e aprender constantemente. Não são importantes no estágio: a arrogância, antipatia para com professor de turma e alunos e o “seachismo” do estagiário dentro da sala, no papel de professor, por trazer consigo uma gama de conhecimentos teóricos, que nem sempre se moldam às salas de aula.

O professor deve interagir sempre e estimular os alunos a buscarem o aprendizado e a colaboração, cooperação, socialização e participação. Ademais, é certo que o estagiário deve se envolver com a turma e tornar-se um com eles - somar.

As experiências que vivi em sala de aula nos ESM 1, 2, 3 e 4 me servirão como base para minha carreira de educadora musical. Através dos desafios que vivenciei aprendi a ter mais perspicácia na conduta das atividades desenvolvidas, aprendi a trabalhar enquanto observava os alunos individual e coletivamente. Aprendi a ouvir os alunos e respeitar seu espaço. Mais ainda, as experiências vivenciadas me ajudaram a entender que eu não sou detentora de todo o conhecimento do mundo. Pelo contrário, estou neste processo de ensino aprendizagem aprendendo a aprender.

Quando tomo por base os teóricos estudados ao longo da toda carreira acadêmica, adoto sempre como referências as palavras que nos sugerem buscar conhecer a realidade sociocultural do aluno, contemplar sua música, valorizando o meio em que está inserido cotidianamente. Estas palavras são comumente proferidas por Swanwick (1988), Green (1997), e outros. Mas também gosto de utilizar as teorias que falam da necessidade de inserirmos outras músicas e outros gêneros no processo de ensino e aprendizagem musical (MARTIN, 2008, p. 334-340; GREEN, 2006 Apud GROSSI 2000, p.37-64). Valorizo e dou muita importância às palavras de Swanwick e França (2002, p. 5-41). Estes autores ressaltam que um dos fundamentos contemporâneos da educação musical é que apreciação, composição e performance são, de alguma forma, interativas, e devem ser integradas na educação musical. Através dessas três habilidades os alunos conseguem ter contato direto com a música, se envolvem e têm uma compreensão significativa do discurso musical. Além disso, a partir do momento que o aluno manipula os materiais sonoros pode construir e reconstruir suas músicas fazendo uma reapropriação ativa e significativa do seu fazer musical, como afirmam Penna e Marinho (1997) no site Atravez, em relação ao rearranjo.

## Considerações Finais

Hoje vejo com mais preocupação, interesse e envolvimento o processo ensino-aprendizagem em música. Tenho consciência de que preciso ter sempre este olhar crítico sobre a realidade musical que nos cerca. Preciso acreditar que sou sempre capaz de inovar, reconstruindo significados da teoria e da prática pedagógica em qualquer contexto em que eu

esteja inserida. Ouso plagiar o professor Hugo Ribeiro (2011, p. 63-82): “preciso ser capaz de transgredir a linguagem musical, envolver-me com ela, vivê-la no meu dia-a-dia”. Porque na música tem muita pluralidade, um mundo rico de significados, interpretações e boas lições de vida. E a música cobrará de mim essa transgressão, essa ousadia de reconstruir, remontar teorias e práticas musicais dentro e fora da sala de aula. Tenho necessidade de transmitir esses sentimentos bons aos meus alunos e sinto-me capacitada para isso.

O meu sofrer com as dificuldades tem me ajudado a lutar contra as intempéries do processo ensino-aprendizagem porque me fortaleço ao transpor obstáculos, aprendo com eles. Sei das minhas limitações e as aceito de bom grado. Sei que falhei em alguns momentos decisivos, entretanto, errar é o mal necessário ao aprendizado em qualquer área do ensino, em qualquer circunstância da vida. Às vezes xingo as tarefas a serem feitas, outras vezes rio delas e elas passam.

Os exercícios desenvolvidos com as turmas do EJA 1 – Módulos I e III, na Escola Estadual onde estagiei, vieram reafirmar os caminhos apontados por Lucy Green (1997) e Keith Swanwick (1988). O respeito mútuo pela realidade sociocultural e musical dos alunos, valorizando sua visão sobre a música e a sociedade colaboraram decisivamente para o sucesso da minha participação nessa disciplina de Estágio Supervisionado em Música, através da prática e da performance dos alunos em sala de aula. Os discentes entenderam a proposta de ensino e colaboraram na interatividade com o estagiário/professor e entre si, com os colegas de turma. Eles desenvolveram exercícios inteligentes e práticos na busca constante pelo entendimento do processo da formação de ritmos percussivos, melodias, dentre outros. Hoje, acredito, são dotados de uma consciência mais evoluída sobre o todo do fazer musical e são mais capazes de colaborar significativamente para a melhoria da visão da sociedade sobre a importância do ensino musical dentro e fora das escolas.

## Referências

FRANÇA, Cecília Cavalieri; SWANWICK, Keith. *Composição, apreciação e performance na educação musical: teoria, pesquisa e prática*. Em pauta (Rio de Janeiro), Porto Alegre: 2002, v.13, n. 21, p. 5/41.

GREEN, Lucy. Texto: Pesquisa em Sociologia da Educação Musical (traduzido por Oscar Dourado). In: *Music on deaf ears: musical meaning, ideology and education*. Manchester: Manchester University Press, 1988.

\_\_\_\_\_. Pesquisa em Sociologia da Educação Musical. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, n. 4, 1997.

GROSSI, Cristina. “Categorias de respostas na audição da música popular e suas implicações para a percepção musical”. In: SIMPÓSIO PARANAENSE DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 7., 2000, Londrina. Anais... Londrina: MIDIOGRAF, 2000, p. 37-64.

HUMMES, Júlia Maria. Por que é importante o ensino de música? Considerações sobre as funções da música na sociedade e na escola. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v. 11, 17-25, 2004.

KRÜGER, Susana Ester; HENTSCHKE, Liane. Contribuição das Orquestras para o Ensino de Música na Educação Básica: relato de uma experiência. In: *Ensino de Música: proposta para pensar e agir em sala de aula*. São Paulo: Editora Moderna, 2003.

MARTIN, Liciê. As impressões do público escolar diante dos concertos didáticos apresentados pelo Quarteto de Cordas UFPR. In: SIMCAM4- SIMPÓSIO DE COGNIÇÃO E ARTES MUSICAIS, 4., São Paulo. Anais... São Paulo: PAULISTANA, 2008, p. 334-340.

NETO, Argentino. *Keith Swanwick: Teoria Espiral de Swanwick*. Ideias em Arte Educação. Disponível em: <<http://ideiasemarteeducacao.blogspot.com.br/2009/05/teoria-espiral-de-swanwick.html>>. Acesso em 27 ago. 2014.

PENNA, Maura e MARINHO, Vanildo. *Atravez: Associação Artístico Cultural – Rearranjo Estratégia Criativa*: [http://www.atravez.org.br/ceem\\_6/rearranjo.htm/](http://www.atravez.org.br/ceem_6/rearranjo.htm/). Acesso em 10 ago. 2014.

QUEIROZ, Luiz Ricardo Silva. Educação Musical e cultura: singularidade e pluralidade cultural no ensino e aprendizagem de música. *Revista ABEM*, Porto Alegre, v.10, p. 99-107, 2004.

QUEIROZ, Luís Ricardo Silva; MARINHO, Vanildo Mousinho. Práticas para o ensino da música nas escolas de educação básica. *Música na educação básica*. Porto Alegre, v. 1, n. 1, 2009.

RIBEIRO, Hugo Leonardo. Transgressão e música. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade de Brasília*. Ano V, v. 1, 2011.

SWANWICK, Keith. *Music, Mind and Education*. London, Routledge, 1988.